

IMPAR



Renato Rezende

IMPAR



**Gog &
Magog**

POESÍA

Rezende, Renato
Impar / Renato Rezende. - 1a edición bilingüe -
Ciudad Autónoma de Buenos Aires :
Como Gog y Magog Ediciones, 2016.
102 p. ; 20 x 14 cm.

Edición bilingüe : español, portugués
Traducción de: Teresa Arijón.
ISBN 978-950-9704-77-0

1. Poesía. I. Arijón, Teresa, trad. II. Título.
CDD B869.1

©2016, Renato Rezende
©2016, de la traducción Teresa Arijón
©2016, Gog y Magog Ediciones
Fotografía de tapa: Akira Patiño

Hecho en el depósito que impone la ley
email: info@gogymagog.com
Buenos Aires
2016

Obra publicada com o apoio do Ministério da Cultura do Brasil/
Fundação Biblioteca Nacional

Obra publicada con el apoyo del Ministerio de Cultura de Brasil/
Fundación Biblioteca Nacional



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Para Gurumayi, por todo

Plan de desaparición

O espelho

Vindo, no caminho, estão
todas as coisas que percebo, tudo
o que toco,
sinto
e vejo:
frutos do meu próprio pensamento.

Delas, uma a uma, me despeço
como num último, íntimo beijo.

Em mim,
a sombra de todos os vultos, lago
límpido, espelho
do céu e das nuvens
que passam;

do qual limpo
as imagens que turvam o fundo,
e que me unem ao mundo
pelo desejo.

Também eu
desapareço

na superfície, sem deixar vestígios

SURJO

El espejo

Viniendo, en el camino, están
todas las cosas que percibo, todo
lo que toco,
siento
y veo:
frutos de mi propio pensamiento.

De ellas, una a una, me despido
como en un último, íntimo beso.

En mí,
la sombra de todas las cosas, lago
límpido, espejo
del cielo y de las nubes
que pasan;

del cual limpio
las imágenes que turban el fondo,
y que me unen al mundo
por el deseo.

También yo
desaparezco

en la superficie, sin dejar vestigios

SURJO

Cego, surdo e mudo

Ver outra vez com os mesmos olhos
o mil vezes visto e revisto?
Por que
caminhar sem fim na planície,
ouvir com os antigos ouvidos
os mesmos ruídos e vozes
sem respostas, as velhas melodias tristes,
falar com novas palavras e versos
o mil vezes dito
e sempre mal compreendido; enfim
por que buscar o corpo do outro
para um amor sem muito sentido
ou um gozo breve e tosco?
Não quero nada disso; quero o vazio
que traga o novo.

Ciego, sordo, mudo

¿Ver otra vez con los mismos ojos
lo mil veces visto y revisto?
Por qué
caminar sin fin en la planicie,
oír con los antiguos oídos
los mismos ruidos y voces
sin respuestas, las viejas melodías tristes,
decir con nuevas palabras y versos
lo mil veces dicho
y siempre mal comprendido; en fin,
¿por qué buscar el cuerpo del otro
para un amor sin mucho sentido
o un gozo breve y tosco?
No quiero nada de eso; quiero el vacío
que traiga lo nuevo.

Ruínas

Algo me prende ainda
à vida
e espero que passe.
Algo me prende à vida—é o amor
e a arte;
e espero que logo passem.

Ruinas

Algo me ata todavía
a la vida
y espero que pase.
Algo me ata a la vida—es el amor
y el arte;
y espero que después pasen.

Outros dias

Eu sou o melhor amigo para mim mesmo.
Os dias passam, e esse fluir, lento,
que se espraia, e se abre, e quase pára
é a via que vai me tirar daqui.
De vez em quando escrevo um poema.

Otros días

Soy el mejor amigo de mí mismo.
Los días pasan, y ese fluir, lento,
que se explaya, y se abre, y casi se detiene
es la vía que me sacará de aquí.
De vez en cuando escribo un poema.

Águas

Passam pássaros longínquos
no alto da órbita azul de Copa.

Desde a praia eu os olho.
Não
haverá mais nada a fazer.

*O corpo flutua sobre as águas
claras, que aos poucos
entram pelo nariz, pela boca,
sem que sequer sinta ou se mova.*

Nada passado pelas retinas,
ou pelos ouvidos, degustado,
nada escrito,
nenhum sentido
terá serventia.

Aguas

Pasan pájaros lejanos
en lo alto de la órbita azul de Copa.

Desde la playa los miro.
No
habrá nada que hacer.

*El cuerpo flota sobre las aguas
claras, que poco a poco
entran por la nariz, por la boca,
sin que sienta siquiera, o se mueva.*

Nada que pase por las retinas,
o por los oídos, degustado,
nada escrito,
ningún sentido
tendrá utilidad.

Finito amor

Solta

Quando a música mais doce chegar,
o murmúrio do gozo
da amada
a se contorcer contra o seu corpo,
não faça nada
que de cor já saiba.
A mente calada
colada no calor do outro
abre a porta
para o salto.

AGORA: SALTA!

Suelta

Cuando llegue la música más dulce,
el murmullo del gozo
de la amada
a retorcerse contra su cuerpo,
no hagas nada
que quizá ya sepas de memoria.
La mente callada
derretida en el calor del otro
abre la puerta
para el salto.

AHORA: ¡SALTÁ!

Deconstrução de la amada

O corpo da amada
não parece ser carne
como os outros;
e mesmo o que ela come e caga
está impregnado
por uma aura sagrada
como se fosse tudo olhos
amorosos, e alma.

Mas passa.

Uma vez morta e enterrada
a amada é esse punhado
de ossos e dentes
na minha palma.

Não adianta nada
comer com calma
as medulas que restam.
No entanto, todos os dias
chupo os dentes e suas cáries.

Já não têm o gosto
ácido da boca
e sua saliva, sua língua,

Deconstrucción de la amada

El cuerpo de la amada
no parece ser carne
como los otros;
y hasta lo que ella come y caga
está impregnado
de un aura sagrada
como si fuera todo ojos
amorosos, y alma.

Pero pasa.

Una vez muerta y enterrada,
la amada es ese puñado
de huesos y dientes
en mi palma.

No sirve de nada
comer con calma
las médulas que quedaron.
No obstante, todos los días
chupo los dientes y sus caries.

Ya no tienen el gusto
ácido de la boca
y su saliva, su lengua,

angústias e palavras;
cada um deles é uma coisa

como qualquer outra coisa.

angustias y palabras;
cada uno de ellos es una cosa

como cualquier otra.

Fim da trilha

Não faça nada:
sente
nesta praça às margens
do mundo
e deixe
a dor cortar fundo.

Faca
in-su-por-tá-vel.

Eu tenho seguido suas pegadas
pelos caminhos mais gelados, amor.

– ABRE!

Fin del sendero

No hagas nada:
sentí
en esta plaza los márgenes
del mundo
y dejá
que el dolor cale hondo.

Cuchillo
in-so-por-ta-ble.

He seguido tus pisadas
por los caminos más helados, amor.

– ¡ABRIME!

O outro em mim

Presta atenção: a vida inteira
esperando que um dia alguém nos dê a mão.
Na juventude, para mim, era uma sombra feminina
que eu levava para todos os cantos, e amava.
Eu amava estonteantemente aquela menina.
Nunca veio, nunca virá, meu próprio espelho.
Estamos essencialmente sós neste mundo. Mas não tão
sós a ponto de poder fazer de cada momento
um momento sem qualquer desejo,
puro e pleno.

(ROMPER TODOS OS ESPELHOS)

El otro en mí

Prestá atención: la vida entera
esperando que un día alguien nos dé la mano.
En la juventud, para mí, era una sombra femenina
que yo llevaba a todos los rincones, y amaba.
Yo amaba atontadamente a esa chica.
Nunca vino, nunca vendrá, mi propio espejo.
Estamos esencialmente solos en este mundo. Pero no tan
solos al extremo de poder hacer de cada momento
un instante sin ningún deseo,
puro y pleno.

(ROMPER TODOS LOS ESPEJOS)

Sem amarras

O amor se faz, entre lágrimas e beijos, mas o gozo muito intenso surpreende, tem tal força que é bem mais que a triunfante satisfação da expectativa dos nossos desejos, dispensa paradoxalmente a presença da amada, o rosto delicado e adorado, o corpo com suas bocas adoradas, olhos, membros, beijos e abraços. Eu não acreditava, mas agora o outro deixa de ser, estou só, e o amor voa solto finalmente sem asas ou amarras.

Sin amarras

El amor se hace, entre lágrimas y besos, pero el gozo muy intenso sorprende, tiene tanta fuerza que es mucho más que la triunfal satisfacción de la expectativa de nuestros deseos, dispensa paradójicamente la presencia de la amada, el rostro delicado y adorado, el cuerpo con sus bocas adoradas, ojos, miembros, besos y abrazos. Yo no creía, pero ahora el otro deja de ser, estoy solo, y el amor vuela suelto finalmente sin alas o amarras.

Imperfecciones del sufrimiento

Desprendimentos

...

desolações extraordinárias.
tempestades
de carne; terremotos
nos ossos; tufões
no olho d'alma.

...

fome; erupções
vulcânicas; quedas das alturas
mais altas;
pragas.

...

a queda de cada máscara
com a cara + serena e calma

Desprendimientos

...

desolaciones extraordinarias.
tempestades
de carne; terremotos
en los huesos; tifones
en el ojo del alma.

...

hambre; erupciones
volcánicas; caídas de las alturas
más altas;
plagas.

...

la caída de cada máscara
con la cara + serena y calma

Olho

De repente,
no meio do shopping
o impulso natural,
o súbito desejo
de ficar cego.

Ojo

De repente,
en medio del shopping
el impulso natural,
el súbito deseo
de quedar ciego.

Oco

eu não sou o corpo físico;

sou o ar que respiro?

Hueco

yo no soy el cuerpo físico;

¿soy el aire que respiro?

Júbilo

Eu não sei de nada

Eu não consigo me lembrar

de nada

(era tudo memória)

Júbilo

No sé nada

No consigo recordar

nada

(era todo memoria)

Alhures

Sinto de uma vez por todas que minha vida—a vida—acabou. Durou o suficiente, e foi muito, e foi bem vivida. Nos dias de hoje, os homens sobrevivem em muito ao apogeu físico e mental. O certo é morrer cedo, com menos de quarenta anos no máximo. Mas esta morte que a mim mesmo decreto não é física. Não, continuarei respirando o ar deste planeta, bebendo a água e me alimentando dos frutos da terra até que o corpo, por si só, definhe e morra. Não fugirei tampouco dos avanços da medicina, dos remédios, das operações, dos transplantes, da quimioterapia. É preciso ser um homem de seu tempo, afinal. Essa minha vida que acaba é outra, mais íntima. Tudo que havia para ser visto já foi visto, tudo que havia para ser gozado já foi gozado. Não procurarei repetir, com um corpo cada vez mais decrepito, os prazeres que teve meu corpo jovem. Minha parcela de amor também já foi o suficiente. Renuncio ao nadar no rio do tempo, todos juntos em direção ao mar. Caio fora. Solto as mãos daqueles que comigo compartilhavam esse nosso tempo, a causa da geração, os infinitos diálogos e trocas com as pessoas que cruzaram e cruzam minha vida, as aventuras de todos os tipos, as viagens de todos os tipos, adeus às moedas, aos tigres, às areias. Enfim, a tudo que se apreende com olhos, ouvidos, tato; os sentidos. Essa é a vida que acabou, como alguém que sai do rio, levanta-se na margem sozinho, dá adeus e dirige-se para as montanhas azuis, lá no fundo. Isso origina uma nova vida. Mas que vida é essa, que começa? Aparentemente, nada mudou: corpo, cidade, linguagem. Mas

Otra parte

Siento de una vez por todas que mi vida—la vida—terminó. Duró lo suficiente, y fue mucho, y fue bien vivida. En los días de hoy los hombres sobreviven con creces al apogeo físico y mental. Lo cierto es morir temprano, con menos de cuarenta años como máximo. Pero esta muerte que a mí mismo decreto no es física. No, seguiré respirando el aire de este planeta, bebiendo el agua y alimentándome de los frutos de la tierra hasta que el cuerpo, por sí solo, se consuma y muera. Tampoco huiré de los adelantos de la medicina, los remedios, las operaciones, los trasplantes, la quimioterapia. Es necesario ser un hombre de su tiempo, al fin de cuentas. Esta vida mía que se termina es otra, más íntima. Todo lo que había para ver ya fue visto, todo lo que había para gozar ya fue gozado. No buscaré repetir, con un cuerpo cada vez más decrepito, los placeres que tuvo mi cuerpo joven. Mi parte de amor también fue suficiente. Renuncio a nadar en el río del tiempo, todos juntos hacia el mar. Me quedo afuera. Suelto las manos de aquellos que conmigo comparten este nuestro tiempo, la causa de la generación, los infinitos diálogos e intercambios con las personas que se cruzaron y se cruzan en mi vida, las aventuras de toda clase, los viajes de toda clase, adiós a las monedas, a los tigres, a la arena. En fin, a todo lo que se aprende con los ojos, los oídos, el tacto; los sentidos. Esa es la vida que terminó, como alguien que sale del río, se levanta solo en la orilla, dice adiós y se dirige a las montañas azules, allá lejos. Eso da origen a una nueva vida. ¿Pero qué vida es esa que comienza? Aparentemente

no íntimo nada é mais fixo como antes. Tudo em volta lembra a morte. Nenhum poder é verdadeiro. A vida que começa é a vida de uma máscara vazia. Não, vazia não: um infinito repleto de luz.

nada cambió: cuerpo, ciudad, idioma. Pero en lo íntimo ya nada está fijo como antes. Todo alrededor recuerda la muerte. Ningún poder es verdadero. La vida que comienza es la vida de una máscara vacía. No, vacía no: un infinito repleto de luz.

Combustión

Combustão

aét
as
p la vr a a s
s e
d e i v l s s o m

Combustión

hsta
las
p la br a as
se
d e i s u elv n

Mudo

A linguagem é tudo
para o homem, não há mundo
fora dela, a linguagem
me recobre, e quando *forço*
a passagem, quando *forço*
o que em mim diz “não posso
mais”/ caio
fundo
poço
de silêncio murro:

MUDO

Mudo

El lenguaje es todo
para el hombre, no hay mundo
fuera de él, el lenguaje
me recubre, y cuando *fuerso*
el pasaje, cuando *fuerso*
lo que en mí dice “no puedo
más” / caigo
hondo
pozo
de silencio terco:

MUDO

Dejetos

O homem pensa, fala, e se é *algo*
é pela palavra.

Mas o SOLTO é mudo.

Todo esse *esforço de linguagem*:
mais próximo da página
do que supúnhamos.

Salto
da linguagem:
não-falo.

Como o fogo deixa cinzas,
deixo esses versos.

A poesia: dejetos.

Desechos

El hombre piensa, habla, y si es *algo*
es por la palabra.

Pero LO SUELTO es mudo.

Todo ese *esfuerzo de lenguaje*:
más cerca de la página
de lo que suponíamos.

Salto
del lenguaje:
no-hablo.

Como el fuego deja cenizas,
dejo estos versos.

La poesía: desechos.

Corte

[]

*La vraie vie
est absente.*

] [

Mas onde
é isso?
Na Abissínia?
Na morte?

[EU NÃO VOLTO!]

Corte

[]

*La vrai vie
est absente.*

] [

¿Pero dónde
es eso?
¿En Abisinia?
¿En la muerte?

[¡YO NO VUELVO!]

] **Corpo** [

Partindo do princípio, eu desisto
dos meus pés, e subindo
eu desisto das minhas pernas.

Elas latejam e me fazem sentir vivo,
mas eu não quero mais sentir-me vivo.

Ao cortar o pau, prender nele uma pedra
até que penda para sempre, eu só penso
nos olhos de todas aquelas mulheres.

Eu entrego
ao fogo o mel dos olhos.

As emoções,
eu desisto delas todas, o coração limpo
ou não, eu desisto do coração, do umbigo
que me ligou à minha mãe, eu desisto da minha mãe

e de todas as palavras que usei
quando compreendi que era alguém, desisto de ser alguém

para ser oco, novo, fogo, ouro:

UM CORPO DEVORA O OUTRO

] **Cuerpo** [

Partiendo del principio, desisto
de mis pies, y subiendo
desisto de mis piernas.

Laten y me hacen sentir vivo,
pero ya no quiero sentirme vivo.

Al cortar la pija, y colgarle una piedra
hasta que cuelgue para siempre, sólo pienso
en los ojos de todas aquellas mujeres.

Entrego
al fuego la miel de los ojos.

Las emociones,
desisto de todas ellas, el corazón limpio
o no, desisto del corazón, del ombligo
que me ligó a mi madre, desisto de mi madre

y de todas las palabras que usé
cuando comprendí que era alguien, desisto de ser alguien

para ser vacío, nuevo, fuego, oro:

UN CUERPO DEVORA AL OTRO

Luz

quero sangue, sangue, de ouro
quero bosta, bosta, de ouro
quero porra, porra, de ouro
quero corpo, corpo, de ouro

sangue	bosta	porra	corpo
corpo	corpo	corpo	corpo
corpo	ouro	corpo	ouro
ouro	ouro	ouro	ouro
ouro	ouro	ouro	ouro

Luz

quiero sangre, sangre, de oro
quiero bosta, bosta, de oro
quiero esperma, esperma, de oro
quiero cuerpo, cuerpo, de oro

sangre	bosta	esperma	cuerpo
cuerpo	cuerpo	cuerpo	cuerpo
cuerpo	oro	cuerpo	oro
oro	oro	oro	oro
oro	oro	oro	oro

El mundo iluminado

Data 2

Saí para almoçar e, ao passar entre dois carros estacionados no meio-fio, vi uma menina de rua, já para lá de adolescente, cagando. Estava agachada, de cócoras, com a calça abaixada. Quando me viu, abriu o maior sorriso, e disse, “meu banheiro é aqui mesmo, moço”, sem por um instante parar de fazer o que fazia. Dava para ver, por entre o vão formado por suas pernas, a massa de merda no asfalto. Eu, que costumo me indignar com os dejetos de cães nas ruas, não me ofendi, e não me senti diante de um ato estranho ou transgressor. Rolou até uma certa e indiscutível sensualidade, um inconfundível apelo erótico, e por um momento pensei em parar para admirar a cena completa, até o fim. Retribuí o sorriso dos seus olhos brincalhões e continuei passando— apenas um pouco surpreso com a total naturalidade de tudo.

Fecha 2

Salí a almorzar y, al pasar entre dos autos estacionados en el cordón de la vereda, vi una chica de la calle, ya casi adolescente, cagando. Estaba agachada, en cuclillas, con la bombacha baja. Cuando me vio sonrió una sonrisa enorme y dijo “este es mi baño, sabés”, sin dejar ni por un instante de hacer lo que estaba haciendo. Por el hueco que formaban sus piernas se podía ver la masa de mierda formándose sobre el asfalto. Yo, que acostumbraba indignarme con las deyecciones de los perros en las calles, no me ofendí, ni tampoco me sentí testigo de un acto extraño o transgresor. Hubo incluso una cierta e indiscutible sensualidad, una inconfundible atracción erótica, y por un momento pensé en detenerme a admirar la escena completa, hasta el fin. Retribuí la sonrisa de sus ojos juguetones y seguí caminando—apenas un poco sorprendido por la total naturalidad de todo.

Data 3

No meio da festa, precisei ir ao banheiro, mas ele estava ocupado por muito tempo. Quando a porta enfim se abriu, saiu de lá uma moça. Devia sofrer de prisão de ventre. Como a descarga era de mão, não funcionou direito, e na privada ficou afundado um cocô enorme, grosso. *E se eu o esfregasse no corpo, colocasse no bolso, comesse, como se fosse ouro?* Apoiado na parede, também não consegui dar a descarga, e saí. Do lado de fora esperava uma garota. Ela deu um meio-sorriso, e entrou. As pessoas também são intestinos. Quando a encontrei de novo, ela me abriu o mais cúmplice, o mais ambíguo, o mais convidativo dos sorrisos.

Fecha 3

En medio de la fiesta tuve que ir al baño, pero estuvo ocupado mucho tiempo. Cuando la puerta por fin se abrió, salió una chica. Debía tener estreñimiento. Como la descarga era manual, no funcionó, y en el fondo del inodoro quedó un sorete enorme, grueso. *¿Y si me lo refregara por el cuerpo, si me lo guardara en el bolsillo, si me lo comiera, como si fuera oro?* Apoyado contra la pared, tampoco conseguí hacer funcionar la descarga y salí. Afuera esperaba una chica. Hizo una semisonrisa y entró. Cuando la encontré de nuevo sonrió con la sonrisa más cómplice, más ambigua, más invitadora.

Outra data

São bem piores do que as de Minas, essas latrinas de Uttar Pradesh. A câmera digital estava presa no cinto, me esqueci, e quando me abaixei ela deslizou para dentro da privada, inacreditavelmente suja, deixando apenas uma pontinha de alça para fora. Precisei pensar se puxava ou não. As fotos de toda a viagem, a *minha* câmera... Puxei... A mão toda suja, a máquina toda suja; a luz vazando por todos os lados!

Otra fecha

Son mucho peores que las de Minas esa letrinas de Uttar Pradesh. La cámara digital estaba enganchada en el cinturón, me olvidé, y cuando me agaché se deslizó adentro del inodoro, increíblemente sucio, dejando afuera apenas una puntita de la correa. Tuve que pensar si tiraba o no. Las fotos de todo el viaje, *mi* cámara... Tiré... La mano toda sucia, la máquina toda sucia; ¡la luz filtrándose por todas partes!

Dasein 04.02.05

Acordo durante a noite para mijar e envolto em manchas de luz azul percebo que a alegria constante, livre de qualquer dor ou preocupação é possível e, na verdade, a verdadeira realidade. Volto para a cama me perguntando quando vou despertar deste sonho, deste nível de existência diversificada, e enfim penetrar na realidade real, a realidade azul do Ser—quando atravessarei a fronteira e começarei a existir de fato?

Dasein 04.02.05

Despierto durante la noche para orinar y envuelto en manchas de luz azul percibo que el amor constante, libre de cualquier dolor o preocupación, es posible y es, en verdad, la verdadera realidad. Vuelvo a la cama preguntándome cuándo voy a despertar de este sueño, de este nivel de existencia diversificada, cuándo voy a penetrar por fin en la realidad real, la realidad azul del ser—¿cuándo cruzaré la frontera y empezaré a existir de hecho?

Lápis-lazúli

Uma pergunta insiste no fundo da mente, até que, uma manhã, ele tem coragem de olhá-la de frente. Assim, como quem não quer nada, ele volta-se para si mesmo:

POR QUÊ A VIDA VALE A PENA SER VIVIDA?

Durante uma semana inteira, a pergunta vomitada do lado de fora, como se fosse um lápis-lazúli no meio do asfalto.

Ele foi se acostumando com a pedra. Ela não mordida, não queimava.

E a resposta veio sem dor:

A vida não vale a pena ser vivida. A vida não é. A Morte vale a pena ser vivida; a Morte, que mora dentro, AGORA – *cons-tan-te-pul-sar-de-êx-ta-se*. Não existe nada, lugar nenhum, pessoa alguma, que de fato exista.

Lapislázuli

Una pregunta insiste en el fondo de la mente hasta que, una mañana, junta coraje y la mira de frente. Así, como quien nada quiere, se vuelve sobre sí mismo:

¿POR QUÉ LA VIDA VALE LA PENA DE SER VIVIDA?

Durante una semana entera, la pregunta vomitada del lado de afuera, como si fuera un lapislázuli en medio del asfalto.

Se fue acostumbrando a la piedra. No mordía, no quemaba.

Y la respuesta llegó sin dolor.

La vida no vale la pena de ser vivida. La vida no es. La Muerte vale la pena de ser vivida; la Muerte, que vive adentro, AHORA – *cons-tan-te-pul-sar-de-éx-ta-sis*. No existe nada, ningún lugar, ninguna persona, que de hecho exista.

Itinerario

O muro

Quando adolescente, começou um esboço de narrativa que depois denominou O muro.

A confusa papelada tratava de narrar a história de um jovem sendo iniciado pela mão e pelo amor de uma fantástica menina de nove anos.

Fracassou. Mas lembro-me particularmente de um trecho de O muro (outros foram reciclados em alguns malsucedidos poemas em prosa) que me marcou por sua patética procura:

*rinocerontes, cartuchos, caralhos
soteriologia, coisas & coisas, palavras...*

El muro

Cuando era adolescente comenzó un esbozo de narración al que después llamó El muro.

El confuso montón de papeles intentaba narrar la historia de joven iniciado por la mano y por el amor de una fantástica niña de nueve años.

Fracasó. Pero recuerdo particularmente un fragmento (otros fueron reciclados en fracasados poemas en prosa) que me marcó por su patética búsqueda:

*rinocerontes, cartuchos, porongas
soteriología, cosas & cosas, palabras...*

ODYSSEUS

One day, taking a coffee break, he noticed a book someone had forgotten on a table. Surprised, he saw the book was written on his native language. He brought it to the kitchen and tried to read while working. But he didn't have a chance. At the end of the day he took the book home. He was excited. It was the story of Odysseus and during the night, reading it in his room, he felt his heart being overwhelmed by beauty. He read all night long and the next day he didn't show up for work. Instead, he went for a walk with no directions. It was the beginning of spring and everything was beautiful, everyone looked happy. He was surprised he hadn't really noticed the spring before. He walked to a park in the top of a hill and sat down.

He stayed there for a long time. From there he could see the whole city and the suburbs. He remembered some passages of the book; the beauty of it had remained with him. He had a strange feeling; he felt his heart was so big he could fit the whole world in it. Suddenly he stood up and shouted: *I'm Odysseus!*

Poderia ser em suco: En dag under en kaffepaus lade han marke till en bok som någon hade glömt på ett bord. Till sin förvåning såg han att boken var skriven på hans eget modersmål. Han tog den med sig till köket och försökte läsa medan han arbetade. Men det gick inte alls. När dagen var slut tog han med sig boken hem. Han var entusiastisk. Det var berättelsen om Odysseus och under natten medan han läste boken i sitt

rum, kände han att hans hjärta var överväldigat av dess skönhet. Han läste hela natten och nästa dag gick han inte till sitt arbete. Istället tog han en promenad utan mål. Våren hade just börjat och allt var väckert, alla såg lyckliga ut. Det förvånade honom att han inte lagt märke till våren tidigare. Han gick till en park på en kulle och satte sig ned. Han stannade där länge. Därifrån kunde han se hela staden och förstäderna. Han erinrade sig några avsnitt ur boken, dess skönhet hade förblivit hos honom. Han hade en underlig känsla, han kände att hans hjärta var så stort att det rymde hela världen. Plötsligt reste han sig upp och skrek:
Jag är Odysseus!

Rosa ao crepúsculo

Então vou escrever sobre essa moça sobre quem vou escrever.

Essa moça tem pernas e coxas e braços e, sobretudo, uma barriga. E dentro da barriga ela tem um estômago. E tudo isso me comove e me faz escrever sobre ela.

Porque escrever sobre ela é escrever sobre mim.

E eu rezo—eu rezo mesmo—para poder escrever sobre mim.

É que eu preciso, mas tenho medo.

Mas eu escrevo.

E escrevo sobre mim escrevendo sobre a moça.

Que sou eu.

Que nem nome tem.

Mas que tem cabelos e pernas, e cabelos nas pernas, e um calcanhar que dói depois de tanto andar no sapato vermelho de salto.

Meu Deus, ela é completa!

Ela tem um calcanhar.

E agora queria me ajoelhar e beijar seu calcanhar.

Seu calcanhar duro e machucado.

Ela é pobre.

Ela está no ponto de ônibus, parada.

São seis horas da tarde, mais ou menos.

Eu a encontro no ponto de ônibus, parada.

Eu sou um homem bonito.

Eu estou segurando uma pasta.

Rosa en el crepúsculo

Entonces voy a escribir sobre esa chica sobre quien voy a escribir.

Esa chica tiene piernas y caderas y brazos y, sobre todo, una barriga. Y dentro de la barriga tiene un estómago.

Y todo

eso me conmueve y me hace escribir sobre ella.

Porque escribir sobre ella es escribir sobre mí.

Y rezo—de verdad, rezo—para poder escribir sobre mí.

Es que lo necesito, pero tengo miedo.

Pero igual escribo.

Y escribo sobre mí escribiendo sobre la chica.

Que soy yo.

Que ni nombre tiene.

Pero tiene pelo y piernas, y tiene pelos en las piernas, y tobillos que duelen después de tanto caminar con los zapatos rojos de taco alto.

¡Dios mío, ella es completa!

Tiene tobillos.

Y ahora querría arrodillarme y besarle los tobillos.

Sus tobillos duros y machucados.

Ella es pobre.

Está en la parada del ómnibus, parada.

Son las seis de la tarde, más o menos.

La encuentro en la parada del ómnibus, parada.

Yo soy un lindo hombre.

Llevo un maletín.

O dia está bonito e se acaba.

Há algumas pessoas no ponto de ônibus.

Ela dá um passo à frente, como se fosse averiguar se seu ônibus está chegando—mas é fingimento dela—e recua e vem a mim e pergunta se o Lapa já passou.

(Respiro aliviado.

Já escrevi o bastante para deixar de sentir angústia.)

Ela me perguntou isso e ficou lá, atrás dos seus olhos amarelos, esperando resposta.

El día es lindo y se termina.

Hay algunas personas en la parada del ómnibus.

Ella da un paso al frente como para ver si viene su ómnibus—pero está fingiendo—y retrocede y se me acerca y me pregunta si el que va a Lapa ya pasó.

(Respiro aliviado.

Ya escribí lo suficiente para dejar de sentir angustia.)

Ella me preguntó eso y se quedó ahí, detrás de sus ojos amarillos, esperando una respuesta.

Serviço de utilidade pública

O Serviço de Busca de Paradeiro da Cruz Vermelha Brasileira informa que as seguintes pessoas estão sendo procuradas por seus parentes. Informações podem ser fornecidas pelo telefone 2509-3552. Benedito Francisco Dias, de 78 anos, nascido em Nossa Senhora do Livramento, em Mato Grosso, está desaparecido desde 25 de dezembro de 1995. Edson Rosa da Silva, carioca, de 47 anos, desapareceu no Rio de Janeiro, em 1988. Veronica Deptulsky, cujos pais, Romualdo e Cecília, nasceram na colônia polonesa de Águia Branca, em Colatina, ES. João Araújo da Silva, 57 anos, paraibano de Aroeira, está desaparecido desde 1992. Ele é marceneiro e tem apelido de "Índio". Euclides Matta Pascoal, de 76 anos, desapareceu em 1950. Raimundo Ribeiro Ávila, de 59 anos, cearense. Em 1988 foi visto em Brasília. Bolival Pereira de Melo, que em 1961 trabalhou como telegrafista na Usina de Barreiros, em Pernambuco. Moisés Miranda, carioca, de 32 anos, saiu de casa dia 4 de abril de 1996 e desapareceu.

Servicio de utilidad pública

El Servicio de Búsqueda de Paradero de la Cruz Roja Brasileña informa que las siguientes personas están siendo buscadas por sus familiares. Cualquier información al respecto deberá ser comunicada al teléfono 2509-3552. Benedito Francisco Dias, de 78 años, nacido en Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, está desaparecido desde el 25 de diciembre de 1995. Edson Rosa da Silva, carioca, de 47 años, desapareció en Río de Janeiro en 1998. Veronica Deptulsky, cuyos padres, Romualdo y Cecília, nacieron en la colonia polaca de Águia Branca, en Colatina, ES. João Araújo da Silva, 57 años, paraibano de Aroeira, está desaparecido desde 1992. Es ebanista y responde al apodo de “Índio”. Euclides Matta Pascoal, de 76 años, desapareció en 1950. Raimundo Ribeiro Ávila, de 59 años, cearense. Fue visto en Brasilia en 1988. Bolival Pereira de Melo, que en 1961 trabajó como telegrafista en la Usina de Barreiros, en Pernambuco. Moisés Miranda, carioca, de 32 años, salió de su casa el día 4 de abril de 1996 y desapareció.

Allende

07.04.05

As luzes azuis.

Percebo que a iluminação é menos um mergulhar (numa realidade maior) e mais um explodir de dentro para fora.

É uma pressão que vem de dentro.

Que me expulsa de mim mesmo.

A parte que resiste sou eu. É preciso permitir que essa outra energia (que não é o eu que estou acostumado a ser) tome posse.

07.04.05

Las luces azules.

Percibo que la libertad es tanto zambullirse como explotar desde adentro hacia afuera.

Es una presión que viene de adentro.

Me expulsa de mí.

La parte que resiste soy yo. Es necesario permitir que esa otra fuerza (que no es lo que estoy acostumbrado a ser) se adueñe.

Ímpar

nem homem, nem mulher, nem anjo,

nem cachorro, nem demônio

nada

que tenha par

estranho

e no entanto anda

e fala

Impar

ni hombre, ni mujer, ni ángel,

ni perro, ni demonio

nada

que tenga par

extraño

y no obstante camina

y habla

Encontro

Sempre, no quadro dos seus olhos,
procure o ângulo mais bonito,
mais distante, uma árvore
entre edifícios, nuvens
no infinito, o infinito;
o infinito

AQUI

Encuentro

Siempre, en el cuadro de tus sueños
buscá el ángulo más bonito,
más distante, un árbol
entre edificios, nubes
en lo infinito, lo infinito;
el infinito

AQUÍ

PONTO DE LUZ AZUL

MORADA DO AMOR

PUNTO DE LUZ AZUL

MORADA DEL AMOR

NOTAS

El autor agradece a los editores de las revistas y periódicos donde fueron originalmente publicados los siguientes textos:

“Desconstrução da amada”, *Tempo*, Río de Janeiro, n° 6, abril de 2002; Babel, Florianópolis, n° 5, enero / diciembre de 2002.

“Sem amarras” y “Cego, surdo, mudo”, *Rascunho*, Curitiba, año 3, n° 25, mayo de 2002.

“O outro em mim”, *Mais!, Folha de S. Paulo*, San Pablo, 7 de septiembre de 2003.

“Águas”, *Poesia viva*, Río de Janeiro, n° 29, septiembre de 2004.

“Combustão”, “Mudo”, “Dejetos”, “Corte” y “Corpo”, *Máquina do Mundo*, Porto Alegre, año 1, n° 2, mayo de 2005.

En el poema “Corte”, los versos *La vraie vie est absente* son de Rimbaud. Fueron tomados de su poema “Délires I”, de *Une saison en enfer*.

La traducción de “Odysseus” al sueco fue realizada por Margareta Nyström.

“Serviço de utilidade pública” fue encontrado entre los avisos clasificados de *O Globo*, domingo 26 de agosto de 2001.

Ímpar recibió el premio Alphonsus de Guimaraens de la Biblioteca Nacional de Brasil en 2005, como mejor libro de poesía ese año.

Índice

Plan de desaparición

O espelho.....	8
El espejo.....	9
Cego, surdo e mudo.....	10
Ciego, sordo, mudo.....	11
Ruínas.....	12
Ruinas.....	13
Outros dias.....	14
Otros días.....	15
Águas.....	16
Aguas.....	17

Finito amor

Solta.....	20
Suelta.....	21
Deconstrução de la amada.....	22
Deconstrucción de la amada.....	23
Fim da trilha.....	26
Fin del sendero.....	27
O outro em mim.....	28
El otro en mí.....	29
Sem amarras.....	30
Sin amarras.....	31

Imperfecciones del sufrimiento

Desprendimientos.....	34
Desprendimientos.....	35
Olho.....	36

Ojo.....	37
Oco.....	38
Hueco.....	39
Júbilo.....	40
Júbilo.....	41
Alhures.....	42
Allende.....	43

Combustión

Combustão.....	48
Combustión.....	49
Mudo.....	50
Mudo.....	51
Dejetos.....	52
Desechos.....	53
Corte.....	54
Corte.....	55
] Corpo [...]	56
] Cuerpo [...]	57
Luz.....	58
Luz.....	59

El mundo iluminado

Data2.....	62
Fecha 2.....	63
Fecha 3.....	64
Otra data.....	65
Otra fecha.....	66
Dasein 04.02.05.....	67
Lápis-lazúli.....	68

Lapislázuli.....	69
------------------	----

Itinerario

O muro.....	74
El muro.....	75
Odysseus.....	76
Rosa ao crepúsculo.....	77
Rosa en el crepúsculo.....	78
Serviço de utilidade pública.....	81
Servicio de utilidad pública.....	82

Allende

07.04.05.....	86
07.04.05.....	87
Ímpar.....	88
Ímpar.....	89
Encontro.....	90
Encuentro.....	91
Notas.....	95

OTROS TÍTULOS

POESÍA ARGENTINA

- Las cosas a descansar*/Laura Lobov
Transformaciones/Julia Sarachu
Preinsectario/Lucía Bianco
Pequeñas urnas/Francisco Garamona
El cielo de Boedo/Daniel Durand
Affidávit/Daniel Pinkus
Travelling/Vanina Colagiovanni
Extranjeras/Florencia Fragasso
Que contiene láminas/Francisco Garamona
Botánicos/Walter Viegas
hacer sapito/Verónica Viola Fisher
Prendas/Carlos Godoy
Rosario/Alejandro Rubio
Paniagua/Martín Rodríguez
Trilogía sacra/Juan Desiderio
Un catálogo de todo lo que hay/Paz Levinson
El estero/Martín Armada
Camino de vacas/José Villa
La casa de la abeja/Laura Lobov
Las bellezas del lobo/Julia Sarachu
El Maldonado/Miguel Angel Petrecca
Ruta de la inversión/Daniel Durand
Sala de espera/Vanina Colagiovanni
Tanque australiano/Marcelo Leites
Poemas de superficie/Guillermo Neo

Warnes albergue/ Mariana Bustelo
Sirenas en la cama/Vanna Andreini
Ruta 2/Fernanda Nicolini
Como un zumbido/Damián Ríos
Agua negra/Martín Rodríguez
Sobrantes/Alejandro Rubio
Mingus o muerte/Rodolfo Edwards
Andinista/Bárbara Belloc
Libro chino/Cecilia Perna
Una explicación para todo/Darío Rojo
La construcción/Natalia Fortuny
Tierra en el aire/Osvaldo Aguirre
Las atracciones/Florencia Minici
El libro de las formas que se hunden/Mario Ortiz
Lo último que se esfuma/Vanina Colagiovanni
Un pedazo de atmósfera/Marina Gersberg
Balbucesos en una misma dirección/Laura Wittner
Falsa estepa /María Paz Levinson
Me encantaría ser un animal/
Ezequiel Alemián
La ola de frío polar/ Marina Yuszczuk
Las piedras/Diego Vdovichenko
Patio de locos/Andrés Neuman
La contingencia/Alicia Genovese
¡Párense derechos!/Eduardo Aïn binder

POESÍA LATINOAMERICANA

La Tirana-Los Sea Harrier/Diego Maquieira
Escritos a la luz de las cosas que no se ven/ Nicolás Alberte
Un naufrago jamás se seca/Fabio Morábito
Poemas/Augusto de Campos
Ravenalas y otros poemas/Horacio Costa

TRADUCCIONES

Todas las palabras para decir roca/Gary Snyder
Donde está mi patria/Pier Paolo Pasolini
El fin comenzará por los suburbios/Peter Semolic
Poesía eslovena contemporánea/Antología
La lengua de las humaredas/Pierre-Albert Jourdan
Metulji/Mariposas/Brane Mozetič
Las odas inacabadas/Aleš Debeliak
Mujer ajenjo/Svletana Makarovič
Ventanas altas/Philip Larkin
Banalidades/Brane Mozetic
Puede pasar cualquier cosa/Jana Putrle
Las tetas de Tiresias/Guillaume Apollinaire
Infierno/D. Alighieri
(traducción J. Aulicino, dibujos Carlos Alonso)
Poesía en holograma/Edvard Kocbek
100 poemas chinos contemporáneos/Autores varios
Una ciudad blanca/James Schuyler
Me va a encantar el siglo XXI/Mark Strand
Abrir una caja/Richard Gwyn
La materia de este mundo/Sharon Olds

NARRATIVA

Cuatro ojos ven más que dos/Julia Sarachu

Rota/Leandro Uría

Muñequitas rusas/Julia Sarachu

Quema/Ariadna Castellarnau

OTRAS PROSAS

El idioma materno/ Fabio Morábito

La poesía en estado de pregunta/Osvaldo Aguirre

Se terminó de imprimir en
Buenos Aires en marzo de 2016.